



## LITERATURA INFANTO-JUVENIL BRASILEIRA: O DISCURSO UTILITÁRIO E O DISCURSO EMANCIPATÓRIO/ESTÉTICO



Aroldo José Abreu PINTO

Doutorando em Letras, área de Literaturas de Língua Portuguesa, pela Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Assis/SP - Brasil.

### RESUM O

O presente trabalho objetiva apresentar algumas reflexões sobre o discurso utilitário e o discurso estético/emancipatório, buscando dar conta de que a exacerbação de um discurso utilitário prejudica a dinâmica dramática intrínseca da obra.

**Palavras-chave:** literatura juvenil, esteticidade, discurso.

### SUMMARY

This study presents some reflections about the utilitarian discourse and the aesthetic/emancipating discourse, which predominates in texts for the youth, emphasizing that an abuse of the utilitarian discourse jeopardizes the intrinsic dramatic dynamics of the work.

**Keywords:** youth literature, aesthetics, discourse

### INTRODUÇÃO

I

Como já vem se evidenciando há algum tempo, a literatura infantil-juvenil brasileira padece, desde os anos 50 e, com maior intensidade ainda, a partir dos anos 70 (quando acontece o verdadeiro boom dos textos voltados às crianças e jovens), de uma crítica especializada que acompanhe o gradativo processo de superespecialização do gênero.

Acrescente-se a isso o fato de que a maior parte dos estudos empreendidos até o momento tem que lidar com uma gama de elementos tão variada que se se privilegia, por exemplo, elementos históricos e teóricos de constituição do texto, acaba-se perdendo ou tendo diminuído a observação do texto de ficção como "elemento autônomo", como destaca Antonio Candido (1993).

Desse modo, optamos por tomar como base para discussão neste estudo a constituição do discurso presente nos textos voltados às crianças e jovens. Procurando dar conta do que propomos, utilizaremos como material básico de discussão, parte das discussões empreendidas em nossa dissertação de Mestrado, defendida em 1996, na Unesp de Assis e, posteriormente, publicada em livro com o título de *Literatura descalça: a narrativa para jovens* de Ricardo Ramos (São Paulo: Arte & Ciência/Núcleo Editorial Proleitura, 1999).

## II

Primeiramente, faz-se necessário destacar que, muitos dos escritores de prosa de ficção para jovens procuram, no trabalho de elaboração de seus textos, inovar, apresentando "realidades transfiguradas"; outros apelam para artifícios utilizados à exaustão pelos meios de comunicação de massa, como a linearidade narrativa, a dicotomia bem x mal (sempre com o predomínio do bem), a redundância na abordagem de temas polêmicos e a inserção de elementos da narrativa apenas como um relato repetitivo e abusivo na montagem de todo o texto, causando uma situação nula à curiosidade de um virtual leitor no desenrolar da história.

O nosso propósito será relacionar, interpretando, as questões suscitadas pela análise do discurso como aspecto constitutivo da configuração textual, ou seja, como os elementos que organizam os diferentes aspectos constitutivos do texto corroboram a esteticidade da obra.

Para tanto, parto de um pressuposto teórico-metodológico que toma o texto como ponto de partida e ponto de chegada do trabalho crítico, ou, como propõe o crítico Antonio Candido, procuro partir do resultado e não do estímulo ou do condicionamento, já que o texto é a matéria do crítico e deve ser tomado como

... uma realidade autônoma, cujo valor está na fórmula que obtive para plasmar elementos não-literários: impressões, paixões, idéias, fatos, acontecimentos, que são matéria-prima do ato criador. A sua importância quase nunca é devida à circunstância de exprimir um aspecto da realidade, social ou individual, mas à maneira por que o faz... Esta autonomia depende, antes de tudo, da eloquência do sentimento, penetração analítica, força de observação, disposição das palavras, seleção e invenção das imagens; do jogo de elementos expressivos, cuja síntese constitui sua fisionomia, deixando longe os pontos de partida não-literários. (Candido, 1969, p.34)

Não podemos nos esquecer que um bom texto se constrói levando em conta a especificidade de seu público previsto e procurando gerar "um mundo novo, cujas leis fazem sentir melhor a realidade originária" (Candido, 1993, p.10). Cabe ao leitor ir descobrindo os ingredientes de harmonização do discurso da narrativa e as suas possíveis expectativas.

## 1. ESPECIFICIDADES DO GÊNERO LITERATURA INFANTO-JUVENIL

A literatura infanto-juvenil brasileira destaca-se, nas últimas décadas, pela busca de "identidade literária" e não pedagógica, uma vez que nas origens do gênero esta sempre esteve vinculada à escola.

No fragmento de texto de Afonso Schmidt abaixo ficam evidentes algumas questões básicas na formação da literatura infanto-juvenil brasileira do ponto de vista da sociedade da época. Entre elas, podemos destacar a inadequação da linguagem, a falta de textos que representassem a nossa realidade/necessidades e um projeto educativo e ideológico claramente nacionalista. Estas, entre outras questões, foram decisivas para uma "feição" própria que marcou todo o projeto inicial de constituição da literatura Infanto-juvenil brasileira.

De noite, na mesa de jantar, à luz do lampião belga que pendia do teto, eram freqüentes estas conversas:

— Papai, que quer dizer palmatória?

— Palmatória é um instrumento de madeira com que antigamente os mestres-escola davam bolos nas mãos das crianças vadias...

— Mas aqui não é isso.

O pai botava óculos, lia o trecho, depois explicava:

— Pelo assunto, neste caso, deve ser castiçal. Parecido, não? Como um ovo e um espeto!

Minutos depois, a criança interrompia novamente a leitura.

— Papai, o que é caçoula?

— Caçoula, que eu saiba, é uma vasilha de cobre, de prata ou de ouro, onde se queima incenso.

— Veja aqui na história. Não deve ser isso...

O pai botava os óculos de novo e lia, em voz alta: "O bicho de cozinha deitou água fervente na caçoula atestada de beldroegas, e asinha partiu na treita dos três mariolas..."

Depois de matutar sobre o caso, o pai tentava o esclarecimento:

— Caçoula deve ser panela... Parecido, não?

E a mãe, interrompendo o crochê:

— Afinal, porque não traduzem esses livros portugueses para as crianças brasileiras?

Afonso Schmidt

Note-se que as discussões sobre a concepção do discurso voltado às crianças e jovens são

tematizadas já em alguns textos ficcionais do último século, mesmo que de forma ainda incipiente e dando conta apenas da inadequação dos textos traduzidos. Não se pode esquecer, portanto, que a literatura infanto-juvenil nasce com a escola e, desse modo, carregada de ensinamentos, de cunho didático ou paradidático.

Muitos são os textos, como veremos na seqüência destas discussões, que reproduzem a estrutura social de uma certa formação histórica onde vigia o conceito de que o texto deveria ser um pretexto para passar ensinamentos. Em alguns casos o discurso é funcional, normativo. Sem contar que o livro voltado aos jovens foi uma mercadoria com apelo direto ao consumo.

Outro aspecto a ser considerado diz respeito ao fato de que, na literatura infantil e juvenil, mais acentuadamente do que na literatura "para adultos", o escritor deve levar em consideração a especificidade do seu público leitor previsto e suas indissociáveis relações com a situação escolar. Sendo geralmente um adulto, esse escritor se esforça por encontrar formas adequadas de mediação entre suas visões de mundo e as dos leitores, de tal modo que a seleção e a combinação de temas, personagens, ambientes etc. são determinadas, de início, pelo fato de o público ser formado por crianças e jovens que utilizarão os textos para leitura na e para a escola.

É necessário destacar que, para efeito deste estudo, denominamos "literatura infanto-juvenil" porque são destinados a um público jovem. Porém, essa denominação de imediato nos remete a discussão sobre uma superespecialização do gênero relativamente recente. Impulsionada pelo aumento da oferta, da produção e da utilização da literatura na escola e pelo desenvolvimento dos estudos em psicologia do aprendizado, a literatura voltada a crianças e jovens cada vez mais se define explicitamente em função do público leitor. Muitos autores escrevem textos de ficção em prosa ou poesia para crianças e outros escrevem especificamente literatura para jovens. Em outras palavras, é como se a literatura voltada a crianças e jovens no Brasil tivesse passado a receber rótulos diferenciados - "literatura infantil", "literatura infanto-juvenil" ou "literatura juvenil" - de acordo tanto com a etapa de desenvolvimento cognitivo dos leitores previstos quanto com a circulação e utilização escolar desses textos.

Por outro lado, vem-se mostrando infundável a discussão que procura delimitar o que é escrito para crianças, para jovens ou para adultos, sobretudo porque o fato de as personagens, espaço, temas etc. serem próximos do mundo infantil, juvenil ou adulto, por si só, não garante o estabelecimento de critérios seguros de delimitação.

## 2. O DISCURSO UTILITÁRIO

Conforme já dito, ao plasmar elementos não-literários: impressões, paixões, idéias, fatos, acontecimentos, que são matéria-prima do ato criador, deve-se atentar para a maneira que o autor o faz. Um bom texto se constrói levando em conta a especificidade de seu público previsto e procurando gerar "um mundo novo, cujas leis fazem sentir melhor a realidade originária" (Candido, 1993, p.10).

Sendo assim, a pergunta que se faz é a seguinte: não haveria um elemento didático em todos os textos? E a resposta pode ser pensada com alguns de nossos críticos sobre a literatura infanto-juvenil.

Edmir Perrotti, em sua obra *O texto sedutor na literatura infanto-juvenil*, destaca que:

"O problema do discurso utilitário não está na utilização do discurso enquanto instrumento de educação do leitor (...), mas em privilegiar essa função em detrimento da função propriamente estética", ou seja, educar todo texto ensina, mas se esta for a prerrogativa básica explícita no texto, o seu todo certamente ficará comprometido, pois o texto ficcional passa a ser produzido "para" uma finalidade.

Também segundo Perrotti, na medida em que o discurso utilitário implica inferiorização do destinatário face a um emissor detentor da verdade, temos aí caracterizado um discurso "de" poder e "pelo" poder.

Resumidamente, segundo Rosemberg e Perrotti os traços característicos do discurso utilitário são:

- a obra não possui uma dinâmica dramática intrínseca;
- a obra obedece a razões externas à configuração estética;
- a obra apresenta-se fechada, com a transmissão de certezas e alinhamentos rígidos de mundo;
- o narrador assume a postura de um mal professor, aquele que considera o aluno vazio. O leitor, portanto, assume a posição de ouvinte;
- o discurso literário tem que ser eficaz para agir sobre o leitor.

É importante lembrar que o uso que se faz de uma obra literária dentro da sala de aula, mesmo que esta não seja pautada pelo discurso utilitário, pode torná-la também utilitária.

Exemplos de textos pautados pelo discurso utilitário:

De repente, a música tocou os primeiros compassos do hino nacional. Um vento brando, vindo do mar, agitou a bandeira brasileira, que estava

no centro de um pelotão. A bandeira desdobrou-se, palpitou no ar espalmada, com um meneio triunfal. Parecia que o símbolo da Pátria abençoava os filhos que iam partir, para defendê-la.

E, então, ali, a idéia sagrada da Pátria se apresentou, nítida e bela, diante da alma de Anselmo. E ele, compreendendo enfim que sua vida valia menos do que a honra de sua nação, pediu a Deus, com os olhos cheios de lágrimas, que o fizesse um dia morrer gloriosamente, abraçado às dobras daquela formosa bandeira, toda verde e dourada, verde como os campos, dourada como as madrugadas de sua terra.

(Olavo Bilac e Coelho Neto)

## Governo

Para que tanta muda? Perguntei a papai.

Tanta muda? Isso é apenas o começo, meu filho. Esse é o primeiro pedido que fiz. Pretendo fazer muitos outros ainda.

—Pedidos? Então isso é dado?

—É dado, sim.

—E quem é que dá presentes assim?

—O Governo.

—O Governo! Então o Governo dá presentes? Que Governo bom!

—Você está admirado? Pois olhe: eu mostrarei como isso é uma coisa muito natural. Olhe, Mário: você deve saber que a obrigação dos governantes é fazer tudo quanto possível para que as terras prosperem e enriqueçam. Para conseguir tal prosperidade e enriquecimento, buscam todas as maneiras. Ora, uma dessas maneiras consiste em prestar auxílio aos lavradores e criadores. Aqui, meu filho, podemos considerar-nos felizes pelo que os governos vêm fazendo. Fornecem, gratuitamente, mudas de árvores frutíferas, florestais e ornamentais. Remetem sementes selecionadas, de todos os cereais e plantas úteis. Concedem prêmios aos melhores agricultores e criadores. Distribuem publicações em folhetos e livros com ensinamentos sobre plantas e animais.

*Saudade*, de Tales de Andrade (São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1962. p.103-5)

A literatura infanto-juvenil brasileira nasce com essa visão formadora e patriótica. A literatura passa a ser um instrumento de difusão de ma "grandeza" e "modernidade" pretendidas por uma vertente nacionalista da época e, sendo assim, a linguagem é castiça, requintada, as construções são rebuscadas.

Temas recorrentes: caridade, obediência, aplicação nos estudos, o trabalho, a dedicação à família, reforço aos conteúdos curriculares, sexo, drogas, família e outros temas considerados tabus.

Em textos contemporâneos esta questão vem também causando discussões. A título de ilustração, vejamos um exemplo de discurso utilitário e discurso estético em dois textos bastante lidos.

## Lannoy Doryn:

Calma, rapaz. Deixe-me explicar-lhe. Estou redigindo uma tese de doutoramento que pretendo apresentar no ano vindouro em São Paulo e ela versa sobre antipsiquiatria. É uma violenta crítica a forma de tratamento psiquiátrico que pretende ver no organismo a causa dos desajustes da personalidade.

(O mundo lá fora é uma loucura)

## Machado de Assis:

Trata-se, pois de uma experiência, mas uma experiência que vai mudar a face da terra. A loucura, objeto de meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente.

(O alienista).

Nos fragmentos acima pode-se notar uma nítida diferença na maneira de enfocar a loucura. Por meio do discurso produzido por ambos, temos concepções sobre a realidade bastante distintas. Enquanto o primeiro procura, por exemplo, dogmatizar os conceitos existentes sobre a loucura, afirmando tratar-se de doutoramento, o segundo parece sugerir exatamente o contrário e, assim sendo, posiciona-se perante ao leitor com um ar de proximidade, que faz com este virtual leitor o acompanhe. Além disso, Lannoy Dorin quer instruir o seu leitor. Usando a ficção como pretexto quer criticar os hospitais psiquiátricos. O texto está a serviço de uma premissa pedagógica. Em resumo, um texto extremamente utilitário.

No texto de Machado a loucura deixa de ser pura informação gratuita para revelar uma preocupação humana. A frase final é bastante esclarecedora neste sentido: "A loucura, objeto de meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente". Observe que o autor deixa para o

leitor a formação do conceito já anunciando ironicamente que nada será fácil, pré-apresentado.

## 2. O DISCURSO ESTÉTICO/EMANCIPATÓRIO

Se como vimos acima definir o que caracteriza um discurso utilitário não é assim tão simples como parece, procurar ressaltar as características que fariam um discurso ser considerado emancipatório/estético exige um maior preparo pelo observador do texto. Senão vejamos... A literatura seria utilitária quando estaria declaradamente a serviço de uma causa, de uma premissa, de uma intenção prática, pedagógica. Em contrapartida, não necessariamente um discurso emancipatório eliminaria estas características, mas pela capacidade do autor do texto em manipular estes elementos haveria um distanciamento destas características para valorização da natureza desinteressada da arte. Em outras palavras, se existe uma função ou funções da literatura, esta seria a de, como destaca Antonio Cândido, "satisfazer as nossas necessidades de ficção e fantasia". O que pode ser observado, portanto, é a maneira como o autor se apropria da língua e a transforma em linguagem esteticamente trabalhada.

Muitas são as obras que até hoje desrespeitam esta tendência apontada pela crítica, mas há outros, com destaque para Monteiro Lobato, que nos oferecem belos exemplos de uma produção voltada às crianças e jovens pautada apenas pelo que aqui estamos chamando de discurso emancipatório e estético.

Para melhor atentar sobre a questão vejamos uma rápida comparação na forma de expressão engendrada por Lobato e alguns de seus contemporâneos.

### Temática: História do Brasil

#### EXEMPLO 01 - visão do indígena brasileiro

Discurso utilitário - visão fechada, pronta sobre os indígenas.

##### 1. Júlia Lopes de Almeida, *A pobre cega*, 1907

A civilização adoça os costumes e tem por objetivo tornar os homens melhores, disse-me ontem meu professor, obrigando-me a refletir sobre o que somos agora e o que eram os selvagens antes do descobrimento do Brasil. Eu estudei história como um papagaio, sem penetrar nas suas idéias, levado só por palavras. Vou meditar sobre muita coisa do que li. Que eram os selvagens, ou os índios, como impropriamente os chamamos? Homens impiedosos, guerreiros com instintos de animal feroz. Entregues absolutamente à natureza, de que tudo sugavam e a que por modo algum procuravam nutrir e auxiliar, estavam sujeitos às maiores privações; bastando que houvesse uma seca, ou que os animais emigrassem para longe das suas tabas, para sofrerem os horrores da fome. Sem cuidar da terra e sem amor ao lar, abandonavam as suas aldeias, poucos anos habitadas, e que ficavam pobres "taperas" sem um único indício de saudade daqueles a quem agasalharam!

Discurso emancipatório/estético - visão aberta e crítica, sem caminhar para o panfletário.

##### 1. Monteiro Lobato - *Hans Staden* - 1927

Quer isso dizer que se os portugueses houvessem tratado com justiça os selvagens do Brasil eles seriam amigos, observou Pedrinho.

- Certamente, respondeu Dona Benta. Mas os conquistadores do novo mundo, tanto portugueses como espanhóis, eram mais ferozes que os próprios selvagens. Um sentimento só os guiava: a cobiça, a ganância, a sede de enriquecer, e, para o conseguirem, não vacilaram em destruir nações inteiras, como os astecas do México e os incas do Peru, povos cuja civilização já era bem adiantada.

- Mas como é então, vovó, que esses homens são gloriosos e a história fala deles como grandes figurões?

- Por uma razão muito simples: porque a história é escrita por eles. Um pirata quando escreve a sua vida está claro que se embeleza de maneira a dar impressão de que é um magnânimo herói.

#### EXEMPLO 02 - a língua nacional

Discurso utilitário - as autoras buscam a qualquer custo o convencimento do leitor. O adulto fala para e pela criança; assimetria entre produtor e receptor.

##### 1. Júlia Lopes de Almeida - *Histórias de nossa terra*

Para nosso orgulho, basta-nos lembrar que nenhuma outra língua há de tão nobre estrutura! De sonoridades variadíssimas, opulenta nos seus vocábulos, maleável como a cera ou dura como o diamante, a língua portuguesa é a mais bela expressão da inteligência humana. Defendei-a! Não deixeis que outras a invadam e a deturpem. Não deixeis que a viciem e lhe cosam remendos aos trajos magníficos. Ela não quer

esmolas, não precisa de esmolas, é a mais rica e tem orgulho de o ser. Defendi-a até ao extremo, até a morte, como um filho defende a mulher de que nasceu. Defendi-a a todo o transe, apaixonadamente, custe o que custar.

Na mocidade, nos dias que vem perto, apercebei-vos de bons livros: lede clássicos.

Falar bem a língua materna, não é uma prenda, é um dever. Cumpri-o.

## 2. Francisca Júlia e Júlio Lopes de Almeida - *Alma infantil* - 1912

As nossas escolas do Estado estão invadidas de livros mediocres. A maior parte deles são escritos em linguagem incorreta onde, por vezes, ressalta o calão e o termo chulo. Esses livros, pois, em vez de educar as crianças, guiando-lhes o gosto para as coisas belas e elevadas, vicia-as desde cedo, familiarizando-as com as formas dialetais mais plebéias.

Discurso emancipatório/estético - visão aberta dada por uma personagem questionadora que se identifica com a criança. Texto experimental, renovador que incorpora a oralidade.

### 1. Monteiro Lobato - *Emília no país da gramática* - 1934

Não mexa na língua, Emília! - Gritou Narizinho.

- Não mexa na língua, que vovó fica danada...

- Mexo e remexo! - replicou a boneca batendo o pezinho e foi e abriu a porta e soltou o Neologismo, dizendo: - Vá passear entre os vivos e fome quantas palavras novas quiser. E se alguém tentar prendê-lo, grite por mim, que mandarei o meu rinoceronte em seu socorro.

### 2. Monteiro Lobato - *Narizinho arrebitado* - 1921

A moda de Dona Benta ler era boa. Lia diferente dos livros. Como quase todos os livros para crianças que há no Brasil são muito sem graça, cheios de termos do tempo do Onça ou só usados em Portugal, a boa velha lia traduzindo aquele português de defunto em língua do Brasil de hoje. Onde estava, por exemplo, lume, lia fogo; onde estava lareira lia varanda. E sempre que dava com um botou-o ou comeu-o, lia botou ele, comeu ele - e ficava o dobro mais interessante.

## EXEMPLO 03 - a visão do Brasil

Discurso utilitário - o autor busca, a qualquer custo, a adesão do leitor para a sua concepção nacionalista. Respeito à ordem estabelecida.

### 1. Olavo Bilac - "A Pátria" - 1904

Ama, com fé e -orgulho a terra que nasceste!

Criança, não verás país nenhum como este!

Olha que céu! Que mar! Que rios! Que floresta!

A Natureza, aqui, perpetuamente em festa,

É um seio de mãe a transbordar carinhos.

Vê que vida há no chão! Vê que vida há nos ninhos!

Que se balançam no ar, entre os ramos inquietos!

Vê que luz, que calor, que multidão de insetos!

Vê que grande a extensão de matas, onde impera.

Fecunda e luminosa, a eterna primavera!

Boa terra! Jamais negou a quem trabalha

O pão que mata a fome, o teto que agasalha...

Quem com seu suor a fecunda e umedece,

Vê pago o seu esforço, e é feliz, e enriquece!

Criança! Não verás país nenhum como este;

Imita na grandeza a terra em que nasceste!

Discurso emancipatório/estético - relato dos fatos de maneira natural.

### 1. Monteiro Lobato - *O poço do Visconde* - "O petróleo"

Logo depois da partida do repórter os jomais do Brasil inteiro puseram de lado as notícias de crimes americanos e das mexericagens políticas para só tratar do petróleo: Petróleo! Petróleo! A descoberta do petróleo no Brasil! Um poço de 500 barris por dia no sítio de Dona Benta! A avó milionária! Cinco milhões e quatrocentos mil cruzeiros por ano, só do primeiro poço! O banho de petróleo! A chuva de petróleo! Um sabugo científico que é um formidável geólogo! Um rinoceronte que sabe inglês e não chifra gente! Mister Kalamazoo e Mister Champignon!. Essas notícias sensacionais determinaram uma verdadeira romaria ao sítio. Automóveis e mais automóveis, cheios de figurões, apareciam por lá, um atrás do outro. Engenheiros, industriais, capitalistas, curiosos - não havia quem não viesse ver, cheirar, provar o petróleo de Dona Benta.

Há ainda inúmeros outros exemplos a que poderíamos recorrer. Vale observar, agora, alguns textos contemporâneos, na qual a fantasia é praticamente nula, uma vez que a constituição de personagens por meio de um discurso utilitário não abre espaço para a reflexão do leitor.

- Isso não pode continuar assim! TEM QUE MUDAR!

Os olhares voltaram para Juraci, concordando. O que fazer não sabia ainda. Ele e seus companheiros tinham o direito ao trabalho e à vida. O os damiões, maguilas e juracis tinham direito à educação. Livros, coleguismo, teatro, esporte para todos. Não era proibido sonhar com o amor de Claudilene, nem jogar no Coringão. Havia esperança: BRASIL do povo CAMPEÃO!!!

(Expulsos do campo, de Alcides R. J. da Silva).

Compare agora com um fragmento descritivo de Ricardo Ramos, em *Desculpe a Nossa Falha*, onde os conceitos (o bem o mal) são apresentados de forma livre para que o leitor estabeleça suas expectativas.

A escola é uma ilha. Cercada por muros e gradis, tem lá dentro um casarão antigo e construções novas, muitas árvores, pátios e alamedas, espaços lançados em níveis diversos e largos. Encravada na rua de classe média inferior, lembra alguma coisa de reserva. Com todas as implicações do nome, desde o confinamento até a excrecência. Em outras palavras: segue sendo ilha.

(Ricardo Ramos, 1987, p. 46)

(...) Mas estava pessimamente localizada, suas vias de acesso marginais de um rio poluído, esgoto a céu aberto. Como se não bastasse, uma fábrica de plásticos nas proximidades. Com um cheiro acre, de química, sobre o prévio dos dejetos da lixeira líquida correndo perto. Bonita, sem dúvida. E no entanto fedida. ... Mau cheiro mesmo, fedor, fedentina, uma caca. Que o rio traz, emanando gosmento. Que a fábrica de plásticos agravava, emprestando ao ambiente uma qualidade impessoal, queimada, metálica, de violenta cruzeza indefinida. Cheiro lacrimoso e pestilento.

(Ricardo Ramos, 1987, p. 48)

Nela se encontram condensados os contrários coexistentes na própria cidade de São Paulo: opulência e decadência. Apesar de o espaço representado ser declaradamente o de uma escola particular, o narrador cuida para que este se assemelhe também ao de uma escola pública com o intuito de, permitindo generalizações, atingir mais facilmente um número maior de leitores.

Conseguindo captar nuances de características que remetem às contradições da realidade, o narrador descreve o espaço ficcional de maneira forte e viva, mesclando os aspectos positivos e, sobretudo, os negativos com palavras ou expressões pejorativas. A dicotomia bem x mal neste sentido é rompida uma vez que os contrários se entrelaçam formando um só elemento. Observe-se que o autor soube dissimular em seu discurso narrativo um ambiente que ao mesmo tempo possui funcionalidade e harmonia dentro da organicidade pretendida pela narrativa. As referências ao mundo exterior só ganham vida dentro do texto de ficção porque estão coerentemente reordenadas e artisticamente elaboradas.

Uma vez que o discurso ficcional (re)cria uma realidade que lhe é exterior, gerando um mundo novo onde o labor artístico pode, até mesmo, fazer sentir melhor a realidade originária, o texto literário pode oferecer instrumentos para suscitar a capacidade crítica do leitor jovem, pois se configura como um vigoroso modo de percepção das relações humanas mais íntimas tomadas no seu conjunto, bem como um vigoroso meio de percepção das características da sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se que com este trabalho de adensamento das discussões sobre fragmentos de textos ficcionais que, de início, por ser voltado aos jovens, deve ser observado com algumas especificidades, tenha sido possível, pelo menos, abrir a discussão sobre como alguns autores, a partir da manipulação de elementos não-literários, não se limita somente a transposição esquemática desses elementos. Ao contrário, faz surgir novos significados por meio da manipulação pessoal e artística da palavra. O discurso apresenta-se como elemento vivo,

não se ajustando a este ou àquele padrão único de comportamento. A sua "utilidade", o seu poder de "reforço" da trama, nesse sentido, não é a questão a ser refletida, mas a sua conversão, por meio do trabalho de elaboração encetado pelo escritor, em elemento funcional de abertura, alargamento, desenvolvimento, atenuação, suspense, detalhamento, desvio, dramaticidade e quantos outros caracterizadores forem necessários para apreender sua importância na narrativa e que dão a uma obra seu caráter universal.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 4.ed. São Paulo: Martins, 1969. v.1.  
\_\_\_\_\_. **O discurso e a cidade**. In: \_\_\_\_\_. *O Discurso e a Cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993. p.19-152.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. 4.ed. São Paulo: Ática, 1988.
- PINTO, A. J. A. **Literatura descalça: a narrativa "para jovens" de Ricardo Ramos**. São Paulo: Arte & Ciência; Assis: Núcleo Editorial Proleitura, 1999.
- RAMOS, R. M. **Desculpe a nossa falha**. São Paulo: Scipione, 1987. (Diálogo).  
\_\_\_\_\_. **Pelo amor de Adriana**. São Paulo: Scipione, 1989. (Diálogo).  
\_\_\_\_\_. **O rapto de Sabino**. São Paulo: Scipione, 1992. (Diálogo).
- ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1981.
- UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Coordenação Geral de Bibliotecas, Editora UNESP. **Normas para publicações da UNESP**. São Paulo: Editora UNESP, 1994. 4v.
-